

DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

FROM TRADITIONAL TO POP: A LOOK AT CUCA'S MYTH IN THE SERIES
'CIDADE INVISÍVEL' FROM JUNG AND VOGLER'S ARCHETYPES

Jeferson de Vargas Silva¹
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga²

Resumo

Este texto aborda o mito da Cuca, retratado na série *Cidade invisível*, de Carlos Saldanha, que estreou em 2020, na plataforma de *streaming* Netflix. O objetivo é analisar a personagem pela ótica dos arquétipos, considerando o "arquétipo materno" na perspectiva de Carl Gustav Jung, além dos arquétipos da "jornada do herói", conforme Christopher Vogler. Diferentemente dos mitos sobre a personagem tecidos anteriormente, a série busca apresentar uma nova roupagem para a Cuca, com novas características e elementos, construindo, assim, uma personalidade materna e protetora. Nesse sentido, uma questão parece bastante evidente: como esse novo mito da Cuca, na ótica do "arquétipo materno" de Jung, busca corroborar a narrativa proposta na série e reformular um mito tão difundido no imaginário popular brasileiro.

PALAVRAS-CHAVES: Cidade invisível; cultura tradicional; arquétipo; Cuca.

Abstract

This paper addresses the myth of Cuca, portrayed in the series *Cidade Invisível* (*Invisible City*), by Carlos Saldanha, which premiered in 2020, on Netflix streaming platform. The aim is to analyze the character from the perspective of archetypes, considering the "maternal archetype" from Carl Gustav Jung's perspective, in addition to the archetypes of the "hero's journey", according to Christopher Vogler. Unlike the myths about the character previously woven, the series seeks to present a new look for Cuca, with new features and elements, thus building a maternal and protective personality. In this sense, one question seems quite evident: how this new Cuca's myth, from Jung's perspective of "maternal archetype", seeks to corroborate with the narrative proposed in the series and reformulate a myth that is so widespread in Brazilian popular imagination.

KEY-WORDS: Cidade Invisível; Traditional Culture; Archetype; Cuca.

1

Ator e diretor de teatro sindicalizado pelo Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado do Rio Grande do Sul – (Sated/RS), formado pela Escola de Teatro Popular da Tribo Oi Nós aqui traveiz. Graduado em Produção Audiovisual – cinema e vídeo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – (PUC-RS). Foi professor no projeto de extensão "Teatro para Todos" do Instituto Federal de Santa Catarina – (IFSC) – campus São José, e professor no projeto de extensão "Arte e Educação" no (IFSC) – Campus Garopaba. Cursando atualmente a Especialização em Artes pela Universidade Federal de Pelotas – (UFPel). E-mail: navearte@yahoo.com.br

2

Sou mestre em Artes Visuais pela – (UFPel), e especialista em Ensino de Filosofia também pela (UFPel). Possuo licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás – (UFG) e bacharelado em Arqueologia pela Universidade Federal de Rio Grande – (FURG). Atualmente estou cursando a especialização em Artes EaD (UFPel) e o mestrado em Ciências do Movimento e Reabilitação pela Universidade Federal de Santa Maria – (UFSM). Também faço parte dos grupos de pesquisa "Percurso Poéticos: procedimentos e grafias na contemporaneidade – UFPel" e o "Grupo de Estudos em Diversidade, Corpo e Gênero – UFSM", voltando-se para os temas: Corporalidade e visualidades na contemporaneidade. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – (CAPES) pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento e Reabilitação PPGCMR/ UFSM. E-mail: marcos.alvarenga@acad.ufsm.br



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE
CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

INTRODUÇÃO

Na última década, a forma que consumimos obras seriadas mudou radicalmente por causa das plataformas de *streaming*. Antigamente, não tínhamos a opção de maratona ou até mesmo assistir a um episódio qualquer de uma série no momento em que julgássemos oportuno, pois elas eram veiculadas na TV (aberta ou por assinatura) em horários específicos. Dessa forma, o público tinha de se programar para não perder o episódio da semana.

Já o consumo de filmes era diferente, uma vez que a distribuição na indústria cinematográfica tinha outra dinâmica. O filme, primeiramente, estreava nas salas de cinema; quando saía de cartaz, era alugado e/ou vendido em fita cassete ou DVD em locadoras e lojas especializadas; depois, passava na TV por assinatura; e, por último, era exibido na TV aberta.

Foi nesse contexto que surgiu a Netflix, nos Estados Unidos, no final dos anos 1990. Na cadeia de distribuição de filmes, a Netflix era uma empresa que vendia e alugava DVDs pelo correio, inaugurando um novo conceito de locadora. Já no ano de 2007, a empresa começou a transmitir filmes por uma plataforma de *streaming* nos Estados Unidos; em 2010, fez uma expansão internacional, começando a operar também no Canadá; em 2011, na América Latina; em 2016, já estava em quase todos os países do mundo. Em 2013, lançou sua primeira web série original, *House of cards*, atuando, assim, não apenas na distribuição, mas também na produção de obras originais, consolidando uma nova alternativa para consumir filmes e séries.

O Brasil, que sempre teve uma tradição de obras seriadas (novelas e minisséries) transmitidas na TV aberta, acompanhou a tendência e entrou no mercado, produzindo séries exclusivamente para *streaming*. A precursora desse movimento foi a obra *3%*, escrita por Pedro Aguilera para a Netflix, que foi exibida no final do ano de 2016. É nesse contexto de produções nacionais para a Netflix, então, que surge a série *Cidade invisível*, de Carlos Saldanha, cuja estreia ocorreu em 5 de fevereiro de 2021, obtendo um grande sucesso e permanecendo semanas entre as séries mais assistidas em 40 países.



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE
CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

Cidade invisível é um suspense/policial, com sete episódios na primeira temporada, contando a história de Eric, policial que descobre a existência de entidades (seres míticos) vivendo entre os humanos, diretamente ligados à morte de sua própria esposa, crime ao qual investiga.

Nesse sentido, questionamos: por que uma série que trabalha com mitos pertencentes à cultura tradicional brasileira fez tanto sucesso em diferentes países? Nossa hipótese é que a série utiliza arquétipos com valores universais para construir sua estrutura narrativa.

Segundo o teórico Robert Mckee (2006, p. 18) “A estória arquetípica desenterra a experiência humana universal, e então se encasula em uma expressão sociocultural única”. E o autor ainda complementa: “Estórias estereotipadas ficam em casa, estórias arquetípicas viajam” (MCKEE, 2006, p. 18).

Os arquétipos e o cinema:

Para Jung, os arquétipos estão diretamente ligados ao que ele denomina inconsciente coletivo:

Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, nunca foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos* (JUNG, 2014, p. 51).

Por pertencerem ao inconsciente coletivo, fica a questão: como os arquétipos podem emergir à consciência? Para Jung, os arquétipos são um “dato anímico imediato” manifestado de forma ingênua e incompreensível nos sonhos e visões (experiências místicas). Além disso, podem ser manifestados também de uma forma mais elaborada nos “mitos, ensinamentos exotéricos e contos de fada”, conteúdos



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE
CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

coletivos originariamente provenientes do inconsciente coletivo e que se transformaram em fórmulas conscientes, transmitidas durante longos períodos de tempo. (JUNG, 2014).

É nessas “fórmulas conscientes” que Joseph Campbell vai se debruçar para realizar o estudo sobre o arquétipo do “herói”, escrevendo o livro *O herói de mil faces*, em que “mostra que cada herói adquire a face de sua cultura, mas sua jornada é sempre a mesma” (MACIEL, 2017, p. 59). Nesse sentido, Campbell usa a expressão *monomito*: o mesmo mito, mas com roupagens diferentes.

Nos anos 1970, com a ideia do *monomito*, *O herói de mil faces* influenciou George Lucas na criação do roteiro de *Guerra nas estrelas*, e Campbell tornou-se uma referência – não apenas para esse diretor, mas também para outros roteiristas e diretores audiovisuais da época (MACIEL, 2017).

Já nos anos 1990, um jovem que trabalhava nos estúdios da Walt Disney, chamado Christopher Vogler, sistematizou *O herói de mil faces*, fazendo um guia prático para ser usado por roteiristas dos grandes estúdios. Esse material, posteriormente, se transformará no livro *A jornada do escritor*, que se torna uma espécie de “bíblia” para roteiristas de Hollywood (MACIEL, 2017). No prefácio da segunda edição, Vogler (2015, p. 15) escreve:

Neste livro, descrevi o conjunto de conceitos conhecidos como a “Jornada do Herói”, derivado da profunda psicologia de Carl G. Jung e dos estudos míticos de Joseph Campbell. Tentei relacionar essas ideias à arte contemporânea da narrativa, esperando criar um guia do escritor para esses dons valiosos de nosso eu mais íntimo e do passado mais distante.

Nesse guia do escritor, Vogler cria um manual pragmático que descreve os 12 estágios da jornada do herói, definindo sete arquétipos e suas funções na trama. Foi, então, a partir de Campbell e Vogler, que o conceito de arquétipo – desenvolvido por Jung – chegou ao cinema.

O objetivo deste artigo, assim, é olhar para a série *Cidade invisível* a partir da perspectiva dos arquétipos, tanto em relação à criação de personagens, refletindo como determinada personagem manifesta atributos



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE
CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

arquetípicos, como também para analisar quais funções uma personagem exerce na trama, buscando entender a estrutura narrativa utilizada na série e que, provavelmente, contribuiu para seu sucesso de público.

Na série, aparecem seis mitos da cultura tradicional brasileira: Saci, Cuca, boto, Tutu Marambá, Iara e Curupira. Para realizar este estudo, porém, escolhemos apenas uma entidade. Dessa forma, o artigo analisará o mito da Cuca, examinando-o por meio de duas perspectivas: 1) construção de personagem – utilizando a ótica do “arquétipo materno” na visão de Jung; 2) estrutura narrativa – analisando a personagem Cuca pela ótica dos arquétipos propostos por Christopher Vogler.

CUCA E SUAS REPRESENTAÇÕES

Atualmente, a Cuca é uma das mitologias mais conhecidas pela população brasileira, seja por meio da cantiga de ninar “Dorme nenê, que a Cuca vem pegá, papai foi pra roça, e mamãe foi trabalhá (sic)” (ALVES, 2017, p. 120), ou pela representação cunhada por Monteiro Lobato no livro *O Saci*, de 1921, o qual apareceu pela primeira vez na televisão na TV Tupi, no ano de 1952. Posteriormente, ocorreram diversas regravações exibidas pela TV Globo, difundindo o mito da Cuca no imaginário da população brasileira.

No entanto, embora *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* tenha criado uma visão de Cuca na forma de um jacaré antropomorfizado, esta nem sempre foi sua imagem transmitida pela oralidade. Assim, a personagem apresenta-se com distintas características de acordo com a regionalidade.

Sendo uma das mitologias brasileiras mais complexas, por tratar-se de um saber popular, a transmissão de forma oral ocasionou a criação de diferentes modos de compreender a ontologia dessa personagem. Conforme sua história foi contada, alterou-se e moldou-se às diferentes realidades geográficas e sociais. Dessa forma, as Cucas têm tanto características comuns umas às outras como também singularidades em suas histórias, dependendo do local em que são contadas (CASCUDO, 2001).

Pensando, então, que existem diferentes Cucas pelo Brasil, vamos àquela apresentada na série *Cidade Invisível*. A história começa quando uma moça grávida, fugindo à noite, adentra uma floresta densa. Embaixo



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE
CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

de uma frondosa árvore, entra em trabalho de parto; porém, a criança nasce morta, o que a deixa em um estado de desespero. Em meio a toda essa situação, uma grande borboleta preta e azul pousa sobre o rosto da personagem, dando origem ao nascimento da entidade Cuca.

Nesse sentido, a Cuca apresentada pela série rompe alguns paradigmas relacionados à personagem, tanto no que diz respeito à sua estética como também à sua personalidade.

Muitas histórias sobre bruxas, por muito tempo, afirmavam que elas tinham a aparência de velhas senhoras feias e deformadas, fruto das maldades que exerciam nas pessoas. Não muito distante dessa compreensão, a Cuca, em suas mais diversas historiografias, também foi retratada dessa forma (CASCUDO, 2001), além de ter sido relacionada a transformações para animais pouco desejados dentro do ambiente doméstico, como aranhas, corujas, borboletas negras e outros animais peçonhentos (ALVES, 2017).

Ainda sobre bruxas, outro elemento bastante comum são as crianças, que têm um papel central nessas histórias, seja como material para feitiçaria ou alimentação (CASCUDO, 2001). Esse elemento é reforçado por quase todas as versões de Cucas difundidas pelo Brasil. Exemplo são as canções que se referem à personagem: seja na música criada para *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*³, ou nas próprias canções de ninar, sempre se remete à possibilidade de uma criança ser raptada pela Cuca, produzindo um discurso de medo (MILANEZ, 2011).

Porém, nessa nova versão, a Cuca apresentada pela série recebe um outro olhar em relação a ser uma bruxa: a personagem é apresentada com um forte instinto materno.

A CUCA E OS ARQUÉTIPOS

O arquétipo materno

Os principais atributos que a personagem Cuca manifesta em sua construção, reconhecíveis em qualquer cultura do planeta, são os do arquétipo materno. Como descrito acima, na série, a Cuca é uma mulher grávida que foge para o meio da floresta buscando parir, porém, tragicamente, seu filho nasce morto. Nesse momento, uma borboleta pousa em seus olhos, como se um “espírito” da natureza a tivesse escolhido.

3

“Cuidado com a Cuca, que a Cuca te pega, e pega daqui, e te pega de lá. [...] A Cuca é malvada, e se ficar irritada, a Cuca zangada, cuidado com ela, cuidado com a Cuca, que a Cuca te pega, a Cuca é danada, ela vai te pegar” (ALVES, 2017, p. 120).



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE
CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

Esse “espírito” da natureza, representado pela borboleta, tem um grande significado simbólico. Jung, ao abordar os arquétipos nos contos de fadas, faz algumas considerações sobre a palavra “espírito”, elucidando seus diferentes significados. Vamos ver, então, como algumas definições de “espírito” descritas por Jung aparecem na trama da série e entender o significado arquetípico da borboleta.

A primeira definição é a diferença entre espírito e alma. Jung (2014) define o espírito como um corpo sutil e superior à alma. A função da alma, portanto, seria conectar o corpo material (físico, emocional e mental) ao corpo espiritual, funcionando como uma espécie de núcleo de sustentação da vida terrena. Assim, a alma tem uma conotação mais densa, no sentido pessoal (individualizada), e o espírito uma conotação mais universal. Na série, essa definição de sustentação dos corpos materiais pela vida anímica aparece na forma como o Corpo Seco⁴, antagonista, comete assassinatos. Ele não ataca ou fere o corpo físico das vítimas; estas têm suas almas sugadas, o que as desconecta dos seus corpos materiais. A única evidência desse processo são os olhos, que ficam totalmente brancos.

Outra descrição de espírito diz respeito às emoções. Jung afirma que “A emoção é concebida como possessão, desde os tempos mais remotos, e por isso dizemos ainda hoje que um indivíduo irascível é possuído pelo demônio ou por um mau espírito [...]” (2014, p. 209). Nessa definição, o espírito é a exacerbação do corpo emocional que, frequentemente, na literatura, no teatro e no audiovisual, é representado por um fantasma: espectro que vaga depois da morte. Geralmente, esse “espírito” emocional é resultado de uma morte inesperada ou de um trauma; assim, depois que o corpo físico morre, o corpo emocional não se dissolve e fica vagando apegado à experiência terrena.

Esses fantasmas podem se revelar como aparições que se assemelham à forma humana, caso de Hamlet, que conversa com o espectro do pai, ou podem revelar-se “[...] semelhante ao sopro de um vento, ou fumaça” (JUNG, 2014, p. 210). A representação do espírito maligno do Corpo Seco é justamente uma fumaça densa, que simboliza toda a maldade desse ser, ao ponto “[...] que ao morrer, ninguém quis saber dele. Nem Deus, nem o Diabo, nem a terra, nem os vermes, nem os abutres” (ALVES, 2017, p. 118).

4

Corpo Seco: entidade que, em vida, fez tanto mal que, ao morrer, ninguém quis saber dele. Na série, aparece sendo morto pelo Curupira e, depois de anos, volta para vingar-se (CIDADE invisível. Criação: Carlos Saldanha. Brasil: Prodigio Films; BottleCap Productions; Boipeba Filmes, 2021. Série exibida pela Netflix. Acesso: 28 out. 202).



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE
CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

Ao conseguir libertar-se do túmulo, essa fumaça maligna entra no corpo de Luna, filha do protagonista, utilizando-a como um veículo para “caçar” entidades.

Outra definição de espírito que Jung descreve é do espírito não humano, por exemplo, o espírito da natureza, de alguma planta ou droga específica:

Spiritus significa também para o alquimista uma essência sutil, volátil, ativa e vivificante como, por exemplo, o álcool era compreendido, assim como as demais substâncias arcanas. Neste nível, o espírito é o espírito do vinho, espírito do amoníaco, espírito fórmico etc. (JUNG, 2014, p. 210).

É nessa linha de um espírito não humano, sobrenatural, que olhamos para as entidades representadas na série. Todas têm uma relação com uma força da natureza ou com o espírito de um animal específico, até mesmo com um inseto. O Curupira protege as matas e é protegido por ela; o Saci tem uma relação com o vento (redemoinho); o boto-cor-de-rosa, com água doce; a lara, com a água salgada; o Tutu Marambá traz a força de um porco do mato; e a Cuca é representada por uma borboleta.

Na mitologia grega, a definição de Psiquê era:

Personificação da alma. É representada por uma figura de uma menina de asas, à maneira de uma borboleta, pois as crenças populares concebiam a alma como uma borboleta que escapava do corpo com a morte (GUIMARÃES, 1996, p. 267).

A alma representada por Psiquê é sinônimo de espírito, diferentemente do conceito descrito acima, em que a alma seria um núcleo inferior ligando o corpo material ao corpo espiritual. Nesse caso, portanto, a alma é o próprio corpo espiritual:

Era preciso que a qualidade própria do espírito, do deus *ex-machina*, fujicasse preservada em algum lugar – senão nele mesmo, então em seu sinônimo originário, na alma, esse ser eólico, de cores cintilantes, semelhante a uma borboleta (anima) (JUNG, 2014, p. 211).



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE
CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

A aproximação que Jung faz da imagem da borboleta ao conceito de “anima” é proveitosa para pensarmos a entidade Cuca. A “anima”, segundo Jung (2014, p. 68), é “[...] concebida como uma parte feminina ctônica da alma”. Nessa definição, conseqüentemente, é uma manifestação de um aspecto específico da alma, no caso, o feminino e terreno. A alma, em sua totalidade, seria constituída pelo que Jung chama de “sizígia”, união dos opostos masculino/feminino, que se manifesta tanto em uma consciência terrena, aqui definida como “ctônica”, como em uma consciência universal.

Se entendemos que a borboleta é a representação da “anima”, ao pousar nos olhos da mulher que perdeu o filho no parto, funciona como uma ponte de acesso no plano terreno a uma consciência sempiterna universal feminina.

Essa borboleta está para a Cuca como uma planta de poder – por exemplo, o peiote ou a ayahuasca – está para o xamã. O líder espiritual, ao entrar em contato com essas plantas, amplia sua consciência, conectando-se a uma sabedoria superior. A “anima” eleva a consciência da mãe que está em sofrimento, manifestando o “arquétipo materno” não apenas em um nível pessoal, mas, também, em sua elevação espiritual, fazendo, assim, surgir a entidade.

O arquétipo materno, como todo arquétipo, tem uma imensa variedade de aspectos e simbologias, e o objetivo deste artigo não é abordar todos, mas apenas as características e os símbolos que podemos aproximar da personagem Cuca retratada na série.

É importante frisar que a simbologia do arquétipo materno não tem apenas um sentido, assim, um mesmo símbolo carrega tanto o sentido “favorável” como o “nefasto”. Alguns atributos do “maternal” são:

Simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento, o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, o sedutor, o apavorante e fatal (JUNG, 2014, p. 88).



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE
CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

Agora, vamos analisar esses atributos em dois aspectos que a personagem manifesta: ser mãe adotiva e bruxa. No prólogo do episódio quatro, observamos um quarto com aparência decadente em que um porquinho está preso a uma corda. A Cuca, na forma de borboleta, entra no recinto, transforma-se em humana e liberta o porquinho, que vira um menino ao qual ela acaricia de forma maternal. Tradicionalmente, o Tutu Marambá⁵ é “parente da Cuca [...] No Brasil, dizem que a Cuca, quando precisa de ajuda, recorre ao Tutu” (ALVES, 2017, p. 364).

Em *Cidade invisível*, a Cuca é efetivamente sua mãe adotiva. Logo, o Tutu Marambá não é um simples funcionário que apenas obedece a ordens, mas se tornou o “braço direito” da bruxa, porque construiu uma relação de confiança – foi cuidado e sustentado por ela desde tenra idade. Na verdade, parece aquele filho que tem uma profunda admiração e gratidão pela mãe, cujo cordão umbilical, simbolicamente, parece nunca ter sido cortado.

Isso é diferente da relação de Cuca com Manaus (o boto)⁶, pois, quando questionada a respeito, ela responde que o considera “como se fosse um filho”; no entanto, Manaus é um boêmio que parece não se apegar a ninguém, nem mesmo à mãe. Manaus é o oposto de Tutu Marambá, e não fica claro, na série, qual é a verdadeira relação dele com a Cuca: ela certamente o vê como um filho, mas ele a vê como uma mãe?

O fato é que Manaus foi retratado na série de forma bem fidedigna à sua descrição nas lendas tradicionais: “um homem bonito, atraente, sedutor, exímio dançarino e bebedor” (ALVES, 2017, p. 58). Um típico Don Juan que tem a característica de seduzir mulheres e depois abandoná-las, como mostra o *flashback* de Manaus seduzindo a mãe do protagonista (Eric) e depois abandonando-a quando fica sabendo que ela está grávida. Esse padrão se repete, no presente, com uma jovem que mora na Vila Toré. Para Jung, o *donjuanismo* é um efeito típico do complexo materno “[...] em que a mãe é procurada inconscientemente em cada mulher” (JUNG, 2014, p. 91). A dúvida que fica é se a referência materna de Manaus é mesmo a Cuca.

Outro aspecto da questão maternal da Cuca é identificado em um sentido mais amplo. Nesse sentido, Jung (2013) faz uma reflexão que tanto a cidade natal, como a floresta, o mar e as águas profundas são símbolos do aspecto materno. A natureza é o local de origem das entidades – como

5

Tutu Marambá é a entidade que tem o poder de se transformar em um porco-do-mato. Na série, foi adotado pela Cuca (CIDADE invisível. Criação: Carlos Saldanha. Brasil: Prodigio Films; BottleCap Productions; Boipeba Filmes, 2021. Série exibida pela Netflix. Acesso: 28 out. 2021)

6

Boto: na série, recebe o nome de Manaus. É conhecido por ser um boêmio que seduz as mulheres para engravidá-las (CIDADE invisível. Criação: Carlos Saldanha. Brasil: Prodigio Films; BottleCap Productions; Boipeba Filmes, 2021. Série exibida pela Netflix. Acesso: 28 out. 2021)



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE
CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

foi descrito acima, a Cuca perde seu filho e ganha seus poderes no meio da floresta.

A cidade, no caso da série, não pode ser associada ao materno (no sentido de origem), sendo um lugar estranho, de modo que essas entidades são estrangeiras na urbe. Assim, é o local onde elas não podem ser quem realmente são, tendo de usar disfarces e passar por pessoas comuns. No entanto, dentro da cidade, o lugar onde esses seres mágicos se encontram e podem revelar suas reais identidades é o bar da Cuca, que funciona como uma espécie de templo, um lugar sagrado, em que as decisões importantes são tomadas.

Agora, então, vamos abordar o lado mágico do aspecto materno: a Cuca como bruxa. Visualmente, ela é bem diferente da imagem que costumam lhe atribuir: “um ente velho, feio, todo desganhado” (ALVES, 2017, p. 122). Muito pelo contrário, é uma mulher jovem, com aparência de mais ou menos 30 anos, que usa vestidos longos, unhas negras, luvas, tererê no cabelo e objetos de ornamentação (pulseiras, colares e brincos).

O primeiro atributo que podemos associar a essa figura mística é “a sabedoria e a elevação espiritual além da razão” (JUNG, 2014, p. 88). Nesse sentido, o primeiro episódio da série mostra o *flashback* de um caçador tentando matar o Curupira⁷, mas, no final, é o Curupira que mata o caçador. No episódio quatro, acompanhamos o desenrolar dessa história: a Cuca é procurada para dar o seu parecer sobre o que fazer com o corpo morto do caçador. Com sua sensibilidade e sabedoria, ela percebe que aquele ser é tão ruim que “nem a terra, nem o céu querem o seu corpo”, então, é preciso fazer um ritual para prender aquele espírito maligno em um túmulo dentro do qual não atormente mais ninguém.

Outro atributo do aspecto mágico da personagem é “[...] o secreto, oculto, o obscuro, o abissal, [...] o sedutor, o apavorante e fatal” (JUNG, 2014, p. 88). O principal poder da Cuca é entrar na cabeça das pessoas, em outras palavras, acessar o inconsciente e, assim, ficar sabendo de seus traumas e medos. Ao descobrir as vulnerabilidades dos indivíduos, ela tem a capacidade de desenvolver profunda empatia, dando colo e conforto, como acontece quando entra na cabeça de Márcia, policial parceira do protagonista, ou, ainda, ela pode utilizar essa capacidade para manipular e

7

Curupira: o protetor das matas. Na série, é chamado de Iberê e vive na rua como um mendigo cadeirante (CIDADE invisível. Criação: Carlos Saldanha. Brasil: Prodigio Films; BottleCap Productions; Boipeba Filmes, 2021. Série exibida pela Netflix. Acesso: 28 out. 2021)



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

exercer poder sobre uma pessoa, como era o seu objetivo ao tentar entrar na cabeça de Eric.

A sedução, a manipulação e a fatalidade são traços marcantes da personagem, como no caso em que ela deixa algumas pistas para atrair o protagonista até seu bar, pretendendo matá-lo. Esses poderes, porém, também podem ser usados para revelar o que é secreto, como na sequência final, em que ela ajuda o protagonista a ver como o Corpo Seco utilizou sua filha para matar sua esposa. É uma personagem complexa, com várias facetas e que exerce diversas funções na trama.

A Cuca e suas funções na jornada do herói

Robert Mckee (2006) classifica a trama em três tipos: arquitrama, que segue o design clássico de estrutura; minitrama, que utiliza uma estrutura minimalista baseada na economia e simplicidade; e antitrama, estrutura que subverte os princípios do design clássico.

A maioria dos filmes criados até os dias de hoje seguem como modelo o design clássico, que é

[...] uma estória construída ao redor de um protagonista ativo, que luta contra as forças do antagonismo fundamentalmente externas para perseguir seu desejo, em tempo contínuo, dentro de uma realidade ficcional consistente e causalmente conectada, levando-o a um final fechado com mudanças absolutas e irreversíveis (MCKEE, 2006, p. 55).

Levando em conta o design clássico, com base no livro *O herói de mil faces*, de Joseph Campbell, Christopher Vogler (2015) cria um guia prático descrevendo a jornada do herói em 12 estágios:

Heróis são introduzidos no MUNDO COMUM, onde recebem o CHAMADO À AVENTURA. Ficam RELUTANTES no início ou RECUSAM O CHAMADO, mas são incentivados por um MENTOR a cruzar o PRIMEIRO LIMAR e entram no Mundo Especial, onde encontram PROVAS, ALIADOS E INIMIGOS. APROXIMAM-SE DA CAVERNA SECRETA, cruzando o segundo limiar



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE
CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

onde passam pela PROVAÇÃO. Tomam posse da RECOMPENSA e são perseguidos no CAMINHO DE VOLTA ao Mundo Comum. Cruzam o terceiro limiar, vivenciando uma RESSURREIÇÃO e são transformados pela experiência. RETORNAM COM O ELIXIR, uma bênção ou um tesouro para beneficiar o Mundo Comum (VOGLER, 2015, p. 57).

Vogler deixa claro que esse esquema não é uma fórmula, não é uma receita de bolo que, ao serem usados todos os ingredientes, terá garantia de sucesso, mas uma forma flexível que pode ajudar o artista a refletir sobre seus anseios e, tecnicamente, a contar suas histórias. É importante ter em mente que:

A estrutura não deve chamar atenção, tampouco ser seguida com tanta precisão. A ordem dos estágios dada aqui é apenas uma das muitas possíveis variações. Os estágios podem ser excluídos, acrescentados e drasticamente embaralhados sem perder em nada sua força (VOGLER, 2015, p. 58).

Então, a jornada do herói é apenas um guia, uma ferramenta para o escritor ou roteirista que deseja escrever uma história utilizando a estrutura tradicional, sendo também oportuno para analisarmos obras audiovisuais que se propõem a seguir o design clássico, como é o caso de *Cidade invisível*.

Além de descrever a jornada do herói em 12 estágios, Vogler também aponta sete arquétipos que são recorrentes nas tramas: “Herói, Mentor, Guardiã do limiar, Arauto, Camaleão, Sombra, Aliado e Pícaro” (VOGLER, 2015, p. 64). Como esse artigo tem como foco a Cuca, vamos analisar apenas os arquétipos específicos que dizem respeito à personagem.

É importante “[...] olhar para os arquétipos – não como papéis rígidos de personagem, mas como funções desempenhadas temporariamente pelos personagens para alcançar certos efeitos na história (VOGLER, 2015, p. 62). Dessa forma, a Cuca na série desempenha, principalmente, a função de guardiã do limiar; no entanto, durante a trama, ela também expressa aspectos do arquétipo de sombra e de mentor.

O guardião do limiar tem a função de criar resistência ao herói para que não prossiga em sua jornada, testando-o para que tome consciência



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE
CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

de suas forças. O herói, em determinado momento, cruza definitivamente o limiar entre “mundo comum” para o “mundo especial”, não tendo como voltar atrás em sua jornada. Em *Cidade invisível*, a travessia pelo primeiro limiar acontece no final do segundo episódio, que se chama justamente “É um caminho sem volta”.

Conceitualmente, os guardiões do limiar não são os principais inimigos do herói: “Os Guardiões do limiar que parecem estar atacando podem, na verdade, estar prestando um imenso favor ao herói” (VOGLER, 2015, p. 94).

A primeira vez em que a Cuca desempenha a função de guardiã do limiar é em parceria com lara⁸. Inês (Cuca)⁹ vai até o IML para buscar o corpo de Manaus. Após hipnotizar o segurança do instituto e cobrir as câmeras de segurança para não revelar sua identidade, transforma o corpo do boto morto em um panapaná. Então, assina o livro de presença do IML colocando o nome do seu bar (“Cafofó bar”). O intuito é atrair o herói para próximo de si e matá-lo, impedindo sua jornada. Quando Eric (o herói) vai até o bar, assim, Inês dá ordem a lara para seduzi-lo e levá-lo ao fundo do mar.

No entanto, lara não teve êxito. O herói milagrosamente sobreviveu, realizando a travessia do primeiro limiar. Dessa forma, ao transitar de um estágio para outro, adquiriu novos conhecimentos, tomando consciência de seus desafios e de sua força. Não é por acaso que o episódio três se chama “Eles estão entre nós”, pois é nesse episódio que Eric obtém mais informações sobre a existência das entidades.

Após atravessar o primeiro limiar, fica nítido para o herói quem são seus aliados e seus inimigos. A Cuca veste a máscara da sombra, “[...] que é uma função ou máscara passível de ser usada por qualquer personagem” (VOGLER, 2015, p.113). Nesse momento da trama, ela é a principal inimiga de Eric, sendo uma das funções do arquétipo da sombra dedicar-se à morte e à destruição do herói. Eric, então, é alertado para ficar longe de Inês, não se aproximando novamente do bar. Contudo, em um ato de ousadia (ou teimosia), o protagonista decide voltar ao “Cafofó Bar”.

8

lara: na série, também recebe o nome de Camila. A entidade é uma sereia que seduz os homens e os leva ao fundo do mar. (CIDADE invisível. Criação: Carlos Saldanha. Brasil: Prodigio Films; BottleCap Productions; Boipeba Filmes, 2021. Série exibida pela Netflix. Acesso: 28 out. 2021).

9

Cuca: na série, é chamada de Inês.



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE
CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

Segundo Vogler (2015, p. 112): “A função da sombra no drama é desafiar o herói e lhe dar um oponente digno de ser combatido. As sombras criam conflito e revelam o melhor de um herói ao deixá-lo numa situação de ameaça à vida”. Ao chegar ao bar, observamos Eric sendo levado a um aposento que remete à caverna de uma bruxa; Inês está esperando. O herói será obrigado a enfrentar a sombra em seu território, o clima é desfavorável. A Cuca transforma-se em uma borboleta e pousa nos olhos do protagonista, entrando em sua cabeça. Nesse momento, começa o embate entre a sombra e o herói. No início, Inês está dominando Eric, conhecendo seus traumas de infância e vulnerabilidades; no entanto, quando tenta acessar mais profundamente o seu íntimo, ele reage e a expulsa de sua mente. Inês, que manifesta concomitantemente os arquétipos de sombra e guardiã do limiar, é derrotada, e o herói cruza mais um limiar, tornando-se mais consciente de sua força.

Com o desenrolar da trama, no clímax da história, o herói e a sombra percebem que não estão em lados opostos – eles têm um inimigo em comum: o espírito maligno do Corpo Seco, o antagonista. Eric deseja combater o Corpo Seco porque o espírito está usando sua filha como um veículo para matar; e Inês pretende acabar com o Corpo Seco porque o espírito está perseguindo as entidades, principalmente, o Curupira. Então, na última fase da jornada do herói, a Cuca, que sempre atuou em oposição ao protagonista, torna-se uma aliada.

No entanto, Inês não manifesta efetivamente o arquétipo do aliado, que, tradicionalmente, aparece como um companheiro de viagem do herói. Nesse caso, ela alia-se ao herói manifestando o arquétipo do mentor, assim, desempenhando o papel de mensageiro que traz a informação-chave para o protagonista alcançar o seu objetivo. Na batalha final, Eric é possuído pelo Corpo Seco, tendo sua consciência neutralizada. Porém, no momento de maior tensão, a Cuca entra na mente de Eric e o contempla com o nefasto instante em que o espírito maligno matou sua esposa. Dessa forma, o mentor proporciona um lapso de consciência ao herói, que reage e consegue a vitória sobre o antagonista, restabelecendo o equilíbrio.

Desse modo, observamos que, na jornada do herói, a mesma personagem pode manifestar funções contraditórias dentro da trama.



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE
CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

Como elucidamos acima, em dois momentos distintos, a Cuca realiza a mesma ação: entrar na mente de Eric. Porém, os objetivos são opostos: como sombra, visa aniquilar o protagonista; já como mentora, busca ajudá-lo a vencer o grande inimigo.

CONCLUSÃO

Analisando *Cidade invisível*, concluímos que, provavelmente, a utilização de valores arquetípicos colaborou para o sucesso da série, sendo uma hipótese válida. Entretanto, como já comentamos acima, o uso do design clássico não é uma fórmula rígida, e o domínio técnico é apenas um recurso a ser utilizado no processo criativo.

Para finalizar, apresentamos para reflexão o seguinte trecho:

No teatro *Kabuki*, há um gesto que indica "olhar para lua", quando o ator aponta o dedo indicador para o céu. Certa vez, um ator, que era muito talentoso, interpretou tal gesto com graça e elegância. O público pensou: "Oh, ele fez um belo movimento!" Apreciaram a beleza de sua interpretação e a exibição de seu virtuosismo técnico". Um outro ator fez o mesmo gesto; apontou para lua. O público não percebeu se ele tinha ou não realizado um movimento elegante; simplesmente viu a lua. Eu prefiro esse tipo de ator: o que mostra a lua ao público. O ator capaz de se tornar invisível (OIDA, 2007, p. 21).

No teatro kabuki, os gestos são codificados, e os atores estudam muitos anos para executá-los com apuro técnico. Porém, conforme a citação do ator Yoshi Oida evidencia, a técnica não é um fim, mas um meio. É uma ferramenta que o artista utiliza para comunicar algo genuíno, autêntico. Apenas o domínio técnico não garante originalidade à obra.

Robert Mckee define que "Originalidade é a confluência de conteúdo e forma – a escolha distinta de temas com uma forma única de moldar a narração" (2006, p. 21). Nessa definição, o conceito de originalidade está muito próximo do autêntico. Original, nesse caso, é mais o artista que consegue imprimir uma marca pessoal na obra do que criar uma obra inovadora, no sentido de algo que nunca foi feito, dito ou pensado.



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE
CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

Cidade invisível não tem nada de original, no sentido do novo, nem na questão da forma, tampouco na questão de conteúdo; mas, com certeza, é uma obra autêntica. Podemos dizer que Carlos Saldanha é original ao imprimir uma singularidade à história: fazer uma releitura dos mitos da cultura tradicional brasileira, tirando-as de seus habitats naturais e colocando-as dentro de um grande centro urbano, em que o fio condutor da trama é um suspense/policial, uma ideia no mínimo singular.

Como a obra tem um apelo comercial mundial, o desafio de Saldanha era encontrar uma forma criativa de apresentar os mitos tradicionais para dois públicos distintos: 1) o público que tem a referência popular dos mitos pela oralidade ou por meio de outras obras audiovisuais ou literárias – para esse público, precisam ficar estabelecidas quais referências prévias serão validadas e quais serão subvertidas; 2) o público que desconhece totalmente os mitos em questão.

Podemos elencar duas estratégias utilizadas:

Contar sobre as lendas para uma criança:

A série começa com a história de como o Curupira matou o Corpo Seco. A trama está sendo contada por Ciço, antigo morador da Vila Toré, justamente para um grupo de crianças. Em outro momento, quando nos familiarizamos mais com a lenda do Saci, Eric lê um livro sobre o mito para sua filha.

Protagonista cético:

Eric, no início da série, está completamente alheio sobre a existência das entidades. No entanto, ao passo que o policial avança nas investigações e começa a tomar conhecimento dos mitos, o público aprende junto com ele sobre as entidades. O espanto do herói em descobrir que o cadáver do boto virou um cadáver humano é o mesmo espanto do público que desconhece essas lendas.

Utilizar essas estratégias narrativas fez com que o roteirista pudesse apresentar de forma didática e criativa as entidades para todos os públicos. No momento atual do audiovisual brasileiro, é de suma importância realizar reflexões sobre as narrativas criadas para as plataformas de *streaming*, que podem atingir com maior facilidade um grande público nacional e internacional. A cada ano, observamos o aumento do número de séries



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE
CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

nacionais que estreiam nas plataformas, como também séries que fazem sucesso e garantem outras temporadas. É o caso de *Cidade invisível*, que já tem uma segunda temporada confirmada.

Esse cenário também faz crescer o número de concursos de roteiros, laboratórios e eventos de rodadas de negócios que conectam profissionais autônomos (produtores, diretores e roteiristas) a grandes *players* do mercado. Por isso, a relevância de refletir sobre o design clássico de narrativa. É imprescindível que o roteirista tenha domínio da narrativa clássica no cenário audiovisual contemporâneo: seja para criar histórias autênticas e relevantes, ou mesmo para subverter com consciência o próprio design clássico, criando tramas com outras estruturas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Januária Cristina. **Abecedário de personagens do folclore brasileiro**: e suas histórias maravilhosas. São Paulo: Sesc, 2017.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2001.

CIDADE invisível. Criação: Carlos Saldanha. Brasil: Prodigio Films; BottleCap Productions; Boipeba Filmes, 2021. Série exibida pela Netflix. Acesso: 28 out. 2021.

GUIMARÃES, Ruth. **Dicionário da mitologia grega**. São Paulo: Cultrix, 1996.

JUNG, Carl Gustav. **Simbologia da transformação**. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MACIEL, Luiz Carlos. **O poder do clímax**: fundamentos do roteiro de cinema e TV. São Paulo: Giostri, 2017.

MCKEE, Robert. **Story**: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Curitiba: Arte & Letra, 2006.



DO TRADICIONAL AO POP: UM OLHAR SOBRE O MITO DA CUCA NA SÉRIE
CIDADE INVISÍVEL A PARTIR DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E VOGLER

Jeferson de Vargas Silva
Marcos Aurélio do Carmo Alvarenga

MILANEZ, N. A Cuca vai pegar! Medidas do corpo no caldeirão discursivo do medo. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, Maringá, v. 33, n. 2, 2011, p. 251-258. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v33i2.14338>. Acesso em: 23 set. 2021.

OIDA, Yoshi. **O ator invisível**. São Paulo: Via Lettera, 2007.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. Editora Aleph, 1 Ed., 2015.